

INFOEDUCAÇÃO E CULTURA QUILOMBOLA: Uma perspectiva de diálogo entre sujeitos e saberes

Edison Luís dos Santos^()*

RESUMO

Estudo de caráter etnográfico tendo em vista descrição de elementos do processo de apropriação social de informação em culturas quilombolas, a partir da implantação de dispositivo cultural e infoeducacional na Escolinha Jambeyro (Cambury, Ubatuba, SP), entendido como indispensável ao uso e produção de novos saberes e a apropriação da memória coletiva pela comunidade local.

Palavras-chave: Infoeducação. Mediação cultural. Quilombolas. Dispositivos dialógicos.

A premissa de base deste trabalho investigativo é a de que há uma lacuna cognitiva que perpassa o processo de apropriação social da informação, em razão da “falta de conhecimento sobre a informação e falta de aprendizado necessário ao seu domínio” (COADIC, 2004, p. 113). A qualidade da educação, contudo, não depende somente da oferta de meios, instrumentos, equipamentos, livros ou suportes técnicos. Tal apropriação dependeria de mediações culturais, não meramente pertinentes, mas significativas, capazes de mobilizar o interesse e vontade dos sujeitos de informação; sobretudo, para que, em fazendo uso dela como matéria essencial ao processamento e produção de novos saberes, constituam-se como protagonistas de sua cultura e cidadania.

Diante de tal cenário desafiador, diagnosticar e avaliar o impacto de políticas de inclusão social em comunidades tradicionais, sobretudo em contextos onde o acesso aos meios de informação e comunicação é escasso, onde não há saneamento básico, nem escolas, nem bibliotecas ou hospitais, tal como acontece nas comunidades tradicionais quilombolas, parece ser um promissor caminho à abertura do espectro que envolve os estudos gerais do campo da mediação e apropriação cultural.

Sob tal enfoque, desenvolve-se o presente estudo que visa criar, implantar e avaliar dispositivo cultural de infoeducação, na comunidade quilombola de Cambury, situada na fronteira com o município de Paraty (RJ), no Parque Estadual da Serra do Mar. A comunidade é constituída por cerca de setenta famílias (nativos, quilombolas e caiçaras do bairro) que ocupam a área do Cambury há aproximadamente 200 anos. O local é extremamente valorizado como ponto turístico,

^(*)Bacharel em Letras com habilitação em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP)(1997-2003); bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Escola de Comunicação e Arte (ECA-USP) (2004-2009); pesquisador e mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da ECA-USP; profissional da informação e consultor técnico em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Colaboratório de Infoeducação (ColaborI). Plataforma Lattes/CNPq disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1466829437115861>.

mas a comunidade sofreu e ainda sofre sérias ameaças de toda a sorte, carece de infraestrutura e saneamento básicos, além de contínuas pressões para deixar suas terras.

Pretende-se aqui estabelecer referenciais que norteiem a implantação de políticas, processos e práticas culturais em contextos dessa natureza e afins, capazes de alavancar relações críticas e criativas das populações quilombolas com o conhecimento e a cultura, tanto local quanto global. Trata-se, assim, de pensar a informação como apropriação – e não expropriação – simbólica, construindo parâmetros para abordagem de processos de diálogo das comunidades com o universo informacional contemporâneo.

A metodologia adotada é a da pesquisa colaborativa, cujo modelo deriva de trabalho de análise e de conceitualização de modos de fazer pesquisa “com” e não “sobre” os sujeitos¹, alternativa aos modelos convencionais edificados sob o paradigma vertical da ordem monológica do conhecimento. Nesse processo inovativo, valorizar-se-á a pesquisa colaborativa como artesanato (CALLON, 2004, p. 64-79) tanto quanto a busca por modelos estratégicos de ação voluntária e coletiva que possam ser traduzidos em políticas permanentes, a fim de responder às necessidades e aos desejos simbólicos dos sujeitos do saber.

O presente artigo, em síntese, resulta de estudo etnográfico preliminar, realizado no contexto da investigação em pauta, constituindo momento fundamental, dedicado à coleta de referenciais e significados locais do cotidiano quilombola, indispensáveis à proposição de criação de dispositivos cultural e infoeducacional para a apropriação da memória coletiva e produção de novos saberes na comunidade quilombola de Cambury.

DISPOSITIVO INFOEDUCACIONAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA

As várias modalidades de ensino tradicional, centradas na transmissão de informações pelo professor, estão cada vez mais em descrédito, superadas por novos modos de ensinar e aprender, baseados, sobretudo, em premissas que tomam o aprendiz como sujeito e não como simples objeto dos processos de conhecimento. Em face dos quadros histórico-culturais da contemporaneidade, o transmissivismo pedagógico perdem o sentido e a centralidade que teve no passado, substituído por

¹ Está ancorada em dois eixos significativos: pesquisa e formação. Para o pesquisador, que constrói seu objeto de investigação, é uma atividade de pesquisa; para os educadores e quilombolas que têm a oportunidade de participar do desenvolvimento de novos dispositivos culturais, é uma atividade de formação. Não exige dos quilombolas que se engajem em tarefas relacionadas à condução da investigação, mas requer a sua participação como co-construtores de novos saberes; do pesquisador exige mover-se no mundo da pesquisa e da prática: fazer com que os conhecimentos que vão sendo construídos também sejam o produto de um processo de mediação cultural, numa perspectiva de diálogo entre teoria (cultura de pesquisa) e prática (cultura quilombola). (Cf. DESGAGNÉ, 1997, p. 371-93).

modalidades que têm os processos de construção de conhecimento como categoria organizadora da nova ordem pedagógica. (PERROTTI, 2008, p. 5).

Na atualidade, compete ao educador atuar no hiato existente entre informação e formação, cuidando para que os grupos com que trabalha tenham acesso e domínio de diferentes recursos informacionais e, ao mesmo tempo, sejam capazes de realizar com sucesso o processo complexo de transformação das informações obtidas em conhecimento. O educador contemporâneo é assim um mediador, situado nesse espaço entre a informação e a formação, entre o “caos informacional” e a “ordem” do conhecimento, tendo como tarefa atuar para que os aprendizes se apropriem não só das informações, mas também e especialmente, de processos e procedimentos cognitivos implicados na sua transformação em conhecimento. (PERROTTI, 2008, p. 6).

Um dispositivo infoeducacional caracteriza-se como um dispositivo cultural de informação e formação:

um mecanismo de intervenção sobre o real, que atua por meio de formas de organização estruturada, utilizando-se de recursos materiais, tecnológicos, simbólicos e relacionais, que atingem os comportamentos e condutas afetivas, cognitivas e comunicativas dos indivíduos. Dessa forma, os efeitos dos dispositivos, ou seja, dos meios dirigidos, ultrapassam os limites técnicos visíveis para tornarem-se, em nossa sociedade, instrumento da relação conosco, com os outros e com o mundo. (PIERUCCINI, 2004, p. 42).

Dispositivos culturais e infoeducacionais redefinem os modos de ser e de agir, constituindo mecanismos que interferem no processo de apropriação dos novos códigos sociais e remodelam valores culturais e simbólicos. Por definição, não são instâncias neutras, mas “ao contrário, contam, narram, imprimem significados aos conteúdos ali apresentados”. Assim, quando afirmamos que o conhecimento é resultante de ato intelectual do sujeito sobre as informações, transformando o “cru em cozido”, temos que considerar o papel essencial dos dispositivos no processo de significação da informação, de construção de conhecimento. Para serem veiculados/comunicados, os conhecimentos precisam ser coletados, organizados, ordenados e oferecidos sob diferentes suportes.

Tais processos constroem dispositivos por meio de intervenções de diferentes ordens e naturezas que acabam por reconfigurar e ressignificar as informações ali armazenadas. Os dispositivos funcionam, assim, como espécie de filtros, sobrepondo significados aos significados disponibilizados. Assim, quando buscamos uma informação, estamos, na verdade, acessando dispositivos informacionais, instâncias responsáveis por sobrepor significados às informações/representações por eles guardados. (PIERUCCINI, 2008, p. 47).

No plano simbólico, atuando como signos, exercem papel crucial na interação do homem com os processos dinâmicos de aprendizagem: são dotados de potencial para construir e modelar identidades (subjativas e coletivas); constituem mecanismos que atuam sobre o modo como procedemos; interferem, portanto, no modo de perceber, aprender e atribuir significados às informações por eles veiculadas, ou seja, mecanismos que atuam no processo de apropriação dos novos códigos sociais, valores culturais e simbólicos – ora densamente iconificados e por demais complexos, na era da informação.

Nesta perspectiva, a construção de um dispositivo de infoeducação quilombola, mediado por recursos infoeducacionais dialógicos, aponta prioritariamente para a emancipação dos atores envolvidos, tendo no centro os próprios sujeitos produtores de saberes: implica a construção de soluções de modo coletivo pelos que se beneficiam dessas soluções para que atuem com autonomia, e não sejam apenas usuários de soluções importadas ou produzidas por equipes especialistas. A ideia de múltiplas direções na produção de novos saberes decorre da diversidade dos contextos e dos atores com diferentes valores e interesses. Tal visão enseja a ideia de participação ativa das pessoas, grupos e comunidades afetados por esses dispositivos informacionais.

Eis a missão maiúscula deste projeto de pesquisa: demonstrar que os dispositivos infoeducacionais dialógicos são significativos, pois são capazes de transformar a relação dos sujeitos com o cotidiano, ampliando a “esfera do ser”, tornando-os protagonistas do próprio destino.

Diversidade cultural: direito à emancipação quilombola²

Os excluídos (negros/escravos/quilombolas) são aqueles que foram descartados pela “triagem formativa”, mas também os que de algum modo, “inconformados”, resistiram à opressão e se mantiveram do outro lado dos “muros da escola”, tendo construído, portanto, outros arranjos de poder discursivo e simbólico, mais adequados à diversidade e à identidade social de sua comunidade, a exemplo do que ocorre com os remanescentes de comunidades tradicionais quilombolas, cuja diversidade de expressões culturais tem sido foco de atenções da Unesco, desde a aprovação da *Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade Cultural*,³ da qual o Brasil

² Nos dias atuais, prevalece o conceito de “quilombos contemporâneos” para se referir a “comunidades negras rurais habitadas por descendentes de africanos escravizados, que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo. Os habitantes dessas comunidades valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente. Possuem uma história comum e têm normas de pertencimento explícitas, com consciência de sua identidade. São também chamadas de comunidades remanescentes de quilombos, terras de preto, terras de santo ou santíssimo”. (MOURA, 2007, p. 6-10).

³ O documento reafirma o *direito soberano dos Estados* para elaborar políticas culturais com intuito de “proteger e promover a diversidade das expressões culturais” e a “criar as condições para que as culturas possam prosperar e

é signatário. O documento reconhece a *centralidade da cultura* e o papel fundamental da sociedade civil. Ademais, estimula o esforço conjunto pela criação de um entorno que incite indivíduos e grupos sociais a criarem, produzirem, difundirem e distribuírem suas próprias expressões culturais, e de terem não somente acesso a elas, mas poderem se apropriarem de novos saberes, compartilharem com outras pessoas no processo criativo.

Tal reconhecimento resulta de muito esforço, lutas e conquistas, mas denota também a presença de uma consciência sobre os deslocamentos e transformações da vida local e cotidiana,⁴ sobre as novas formas de sociabilidade na contemporaneidade. O fato mais relevante é que um instrumento jurídico de tal envergadura eleva a diversidade cultural à categoria de “patrimônio comum da humanidade”, revelando ser “tão necessária para a humanidade como a biodiversidade biológica para os organismos vivos”. Sua defesa é um imperativo ético indissociável do respeito à dignidade individual, a fim de preservar de modo sustentável esse tesouro vivo e renovável – a diversidade cultural –, entendida não como patrimônio estático, mas, essencialmente, como processo dinâmico fundado no cotidiano das comunidades.

Cultura quilombola: o contexto da pesquisa ou... “Jamais fomos letrados”

É imperativo garantir um lugar decente para todos viverem, mas no Brasil, a ocupação dos espaços urbanos é desigual, injusta e perversa. Nas chamadas cidades globais, cujo modelo de urbanização consolidou-se historicamente como “o lugar da emancipação humana”, vivemos o paradoxo das desigualdades.⁵ De modo semelhante, nas últimas décadas, o mundo agrário passou por transformações tecnológicas advindas com adoção sistemática dos mecanismos de mercado, técnicas de administração e gerência racionais, alterando hábitos socioculturais e a percepção da realidade, pasteurizando elementos reais e imaginários da vida no campo, o que afetou intensamente o seu tecido social, gerando entre populações tradicionais o fenômeno de “favelização”.

As culturas tradicionais quilombolas e caiçaras do estado de São Paulo encontram-se seriamente ameaçadas pelo avanço de meios tecnocientíficos, impulsionado pela lógica global do mercado, favorável aos interesses do capital imobiliário e da indústria do turismo, que parecem

manter interações livremente de forma mutuamente proveitosa”. (*Conferência Geral da UNESCO*, Paris, 2005, Art. 1º)

⁴ “A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*, que participa dela com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, paixões, sentimentos, ideias, ideologias. Suas partes orgânicas consistem na organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação”. (HELLER, 1985, p. 17-18).

⁵ Os moradores de favela constituem já um terço da população urbana global e, numa perspectiva em curto prazo, estima-se que chegará a 50% nos próximos 15 anos. A situação é preocupante para o Terceiro Mundo, pois esta parcela mais pobre do planeta absorverá 95% desse crescimento populacional mundial. (DAVIS, 2003).

desdenhar a Convenção da Unesco com respeito à diversidade cultural. O que vem ocorrendo nestas regiões é a privatização da paisagem litorânea. Após a construção e pavimentação da BR-101, a indústria do lazer e a especulação imobiliária multiplicaram o espaço urbano, redefiniram o perfil da população e das atividades socioeconômicas, e reformularam as relações da sociedade com a natureza, transformando a segunda em “mercadoria de consumo” das classes médias e elites urbanas. (LUCHIARI, 1997, p. 138).

Tais ameaças se manifestam no cotidiano das comunidades tradicionais, desde a época do surgimento do barco a motor, da pesca embarcada e da eletricidade. Enquanto isso, medidas míopes e de ocasião por parte do estado não levam em consideração o processo de degradação do espaço; causam impactos negativos sobre a diversidade biológica e cultural dos ecossistemas ambientais das zonas litorâneas e não respeitam as particularidades socioculturais da população humana que reside nessas regiões inundáveis, de alta produtividade natural. Por quanto tempo tais comunidades resistirão na defesa de seu espaço e modo de vida natural, tecnologias próprias, enfim, por um lugar mais digno na História?

Infoeducação: memória e informação

A memória está essencialmente na base do desenvolvimento das coletividades e dos indivíduos. Operando entre inclusão e exclusão – entre lembrança e esquecimento –, ao serem escolhidos os conteúdos e formas de expressão que deverão ser retidos e transmitidos, trava-se o que Le Goff denominou como “luta pela memória”. Tal “luta” resulta na reintrodução, pela linguagem, do repertório das experiências humanas dos vários grupos sociais ao patrimônio simbólico. Sob esse enfoque, as memórias dos sujeitos podem constituir arsenal de força e resistência, “forma de testemunho que impõe limites à tirania ou à ditadura das imagens coletivas”. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 285-98).

A despeito de a história oficial ter-se ocupado em não deixar traços e queimar toda documentação relativa ao período da escravidão pelas mãos do renomado jurista Rui Barbosa (e outros adeptos dessa mutilação da materialidade histórico-cultural), as gerações de descendentes quilombolas que sucederam os primeiros escravos fugidos e libertos conservam, por razões evidentes, pouca memória coletiva do período da escravidão.

Em se tratando de memória coletiva em comunidades que não passaram pela cultura escrita, a “luta pela memória” começa no momento de reconstruir, a partir da materialidade documental, a origem da comunidade de Cambury. Evidentemente, há controvérsias... De acordo com a *materialidade da informação* registrada em Relatório Técnico do Instituto de Terras do Estado de

são Paulo (Itesp)(2002), houve nessa área de Ubatuba uma fazenda denominada Cambury, que não fugia ao padrão das outras fazendas do litoral norte dessa época (séculos XVIII e XIX): grandes propriedades que tiveram, num primeiro momento, engenhos de açúcar e depois produziram café para exportação, com mão de obra escrava. A partir da metade do século XIX, entraram em decadência, tendo suas terras divididas e doadas, vendidas ou mesmo abandonadas.

A fazenda Cambury teria sido ocupada, por compra e doação, por núcleos de escravos que nela trabalhavam, os quais se agregavam a outros núcleos, vindos de outras regiões. De qualquer forma, o quilombo de Cambury permaneceu relativamente isolado até a década de 1970, desconhecido, anônimo, por vezes referido como “morro de pretos” ou simplesmente “favelados”. Foi, então, que uma série de acontecimentos ameaçou sua permanência e trouxe mudanças para seu modo de vida, após a construção da rodovia BR 101, Rio-Santos. Entre os quilombolas prevalece a noção de que a vida local piorou muito... Eles preferem falar sobre lembranças e imagens imateriais do “tempo dos antigos” (*sic*), momento que sucedeu a fuga para o mato, a libertação conduzida por Josefa, etc., pois tais recordações do passado são as que os ajudam a construir a identidade social de Cambury.⁶

A propósito, vale fazer contraponto com o estudo etnográfico *First-Time* (1983), de Richard Price, proposição de análise crítica da sociedade, que se debruça sobre o conhecimento que os descendentes de escravos do Suriname têm a respeito do período crucial de sua história: o momento primordial em que os Saramakas empreendem a fuga em massa das *plantations*. Essa memória do passado dos Saramakas se caracteriza por meio de histórias que remetem a esse tempo de resistência e luta pela liberdade. Comportam conhecimentos preciosos que não podem ser revelados, sob o pretexto de que podem representar sérios riscos à existência da comunidade. Assim, são mantidas em segredo, sob a tutela dos mais velhos, responsáveis por garantir a memória, a história e a identidade do grupo Saramaka. Naturalmente, não podem ser revelados porque há o receio de que sejam usados para escravizá-los novamente. Esse passado de escravidão deve, então, ser exorcizado (“nunca mais”), por meio da fragmentação e dissolução dos fatos reais para impedir a revelação do que deve ser mantido em segredo. (CALDEIRA, 1988, p. 143-48).

⁶ Sobre a memória local de Cambury, nota-se que prevalece certa euforia (principalmente por parte dos mais idosos), quando falam das origens ou do tempo feliz em que gozavam de maior liberdade para plantar, colher e dançar; e quase nenhuma referência ao tempo do “sofrimento”, castigo e punições. No início de sua ocupação, Cambury abrigou um grupo de negros fugidos, liderados por uma escrava chamada Josefa, que vieram fugidos de fazendas da região de Paraty (RJ) e um dos primeiros a ocupar a área. A Toca da Josefa é um marco histórico do lugar onde ela teria se refugiado. Muitos moradores se referem à Josefa como uma “parenta” distante e o local de seu refúgio até hoje se mantém como um marco histórico na comunidade. (MANSANO, 1998).

A premissa de base é que a memória local das comunidades quilombolas, da memória coletiva inscrita em suas relações do cotidiano, expressões culturais, modos de fazer e de conhecer, valores cultivados pela experiência de vida de pessoas comuns, patrimônio material construído pelos atuais e antigos habitantes do quilombo, constituem “tesouro vivo” de diversidade cultural. A apropriação social desse “tesouro vivo”, como fonte de informação e conhecimento, é indispensável às novas gerações:

a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também, empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”. (BOSI, 2001, p. 46).

Embora a memória coletiva seja um dos centros vivos da tradição cultural quilombola, costuma ser relegada a um plano secundário no processo de apropriação de novos saberes; *memórias* quase sempre não recebem a devida atenção pedagógica, como se fossem categoria menor. Por outro lado, o reconhecimento social de tal legado cultural esbarra em dificuldades de afirmação e apropriação; em parte pela falta de diálogo e canais adequados de interlocução, em parte por que a compreensão sobre o processo de mediação cultural ainda se resume à oferta universal de recursos serem assimilados, como se o mesmo produto servisse igualmente a qualquer consumidor.

CONSTRUÇÃO DIALÓGICA DO DISPOSITIVO E ESTUDO ETNOGRÁFICO

Para responder às novas demandas cognitivas da comunidade tradicional quilombola de Cambury, a *inovação estratégica* de nossa investigação etnográfica pressupõe abordagem diferenciada da pesquisa científica tradicional, entendida aqui como artesanato colaborativo que se fundamenta no *savoir-faire*; no diálogo entre saberes práticos e experimentais, que visa à construção de dispositivos culturais e infoeducacionais capazes de estimular o gosto pela ação voluntária e o engajamento coletivo no processo de apropriação, produção e uso dos saberes, de ontem e de hoje. A inovação estratégica “não destrói a tradição, pelo contrário, ela se nutre dela e se enriquece com ela”: existem margens de manobra na competição econômica, na produção dos conhecimentos científicos e na produção de inovações que podem preservar e até enriquecer a identidade das tradições. (CALLON, 2004, p. 64).

O emprego combinado de investigação etnográfica do cotidiano e pesquisa colaborativa busca estudar dimensões significativas de dispositivos culturais, adequados à realidade

sociocultural, ambiental e econômica da comunidade de Cambury: entorno, expressões culturais, participação, deficiências, desafios, etc. O êxito do Programa de Infoeducação dependerá do diálogo e das negociações junto aos quilombolas, bem como das mudanças e sugestões dos atores sociais que se apropriarão dos dispositivos. A mediação cultural pretende liberar as iniciativas coletivas, dando maior espaço aos sujeitos do saber, a fim de suscitar reações de todo tipo, engajamento, resistência, crítica, diálogo e negociação.

Em estudo preliminar, foi possível apontar os principais momentos a serem contemplados pelo estudo etnográfico:

a) Reconhecimento, análise e registro de informações etnográficas sobre a comunidade quilombola de Cambury, com base nos aspectos do cotidiano a serem observados:

- SABERES (modos de fazer, cotidiano, memória).
- CELEBRAÇÕES (manifestações culturais, rituais, festas, danças, vivência coletiva do trabalho, lazer e outras práticas da vida social).
- FORMAS DE EXPRESSÃO (manifestações literárias e artísticas, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas).
- LUGARES (espaços de práticas culturais coletivas, roçado, praia, mercados, feiras, praças).
- CONFLITOS (legislação ambiental, uso sustentável de recursos naturais, turismo, especulação imobiliária e favelização).

b) Estudo dos saberes tradicionais quilombolas e suas dimensões significativas, visando à criação de dispositivo cultural para produção, uso e resgate da memória coletiva local.

A busca do diálogo foi a principal motivação deste exercício etnográfico. Um diálogo nas veredas entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais quilombolas. O percurso escolhido foi o da aproximação progressiva do universo da vida cotidiana do quilombo, por meio de exercício etnográfico de investigação social interpretativa, cujo enfoque se caracteriza pelo uso da abordagem qualitativa em contraposição ao esquema positivista e *quantitativista* de pesquisa que fragmenta a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente. “O objeto da investigação social interpretativa é a ação, não a conduta”, (WITTROCK, 1989, p. 214), daí a tentativa de aproximar-se da perspectiva que os participantes têm dos fatos (mesmo que não possam articulá-la).

Para observar mais de perto o universo cultural quilombola e aproximar-se de suas formas de compreensão da realidade, e compartilhar com eles os significados, optamos por acampar bem próximo dos locais públicos e coletivos da comunidade: a Escolinha Jambreiro e a Associação dos

Remanescentes de Quilombo do Cambury. (Foto 01). A primeira visita ocorreu entre os dias 22 e 25 de junho de 2011, quando aconteceram dois eventos importantes, dentre as diversas expressões culturais relacionadas ao cotidiano da comunidade de Cambury: a corrida de canoas e a festa de S. João. A segunda visita aconteceu duas semanas depois, entre os dias 9 e 13 de julho de 2011, ocasião em que entrevistamos sr. Genésio, sr. Leonel, sr. Salustiano, dona Maria Lorena e observamos o dia a dia da comunidade, conversando com os moradores e registrando imagens da paisagem do entorno: cachoeiras, rios, montanhas e poços.



Foto 1. Escolinha Jambeiro. Ponto de Cultura Quilombola do Cambury, Ubatuba/SP.
Fonte: Edison Santos, julho de 2011. Arquivo pessoal do pesquisador.

Numa tentativa de considerar diversos componentes do contexto social mais amplo, entendidos como *extralocais*, o desafio foi estabelecer possíveis relações na construção da cadeia de significados e aproximar-se da compreensão que os participantes têm dos acontecimentos. O trabalho etnográfico envolve, portanto, observação e participação de longo prazo no campo, a fim de familiarizar-se com os padrões rotineiros da ação e interpretação correspondentes ao universo cotidiano quilombola:

A preocupação é com o significado; com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca. O etnógrafo tem como meios principais de coleta de dados a observação e os questionamentos. (ERICKSON, 2001, p. 4).

Outra providência consistiu em adentrar-se no quilombo atentando para as interações e influências recíprocas na produção social de símbolos que alimentam os significados das ações na comunidade quilombola. Na terceira visita, ocorrida entre 7 e 11 de setembro de 2011, colhemos

relatos orais a respeito da Casa de Farinha. Nas três visitas realizadas, optamos por montar barraca de *camping* no lado oposto da margem do rio da Barra (local de passagem, vereda, espaço fronteiriço), no quintal do sr. Leonel (conhecido por Néio, contador de estórias). Nesse local de passagem e de encontro, ocupamo-nos em confrontar, na medida do possível, a importância do *espaço* na comunicação e transmissão de memórias. Mantivemos longas conversas com os irmãos Leonel e Salustiano dos Santos, que forneceram imagens emblemáticas que remetem às origens formativas da comunidade. Esse contato forneceu a primeira pista sobre os significados locais: enquanto elemento de identidade, a *relação com a terra* faz parte do ser quilombola e fundamenta-se numa concepção cultural encarnada na dinâmica da vida: conhecer as sementes e os tempos de plantar e de colher, os ciclos da chuva e as formas de aproveitamento de água, a cultura de certas plantas e animais típicos, etc.

Além de observar o modo como se articulam as expressões culturais na esfera cotidiana, buscamos refletir criticamente sobre a expropriação das culturas tradicionais, que vêm sendo seriamente ameaçadas pela lógica tirânica do mercado, especulação imobiliária e indústria do turismo. Desse modo, o presente registro etnográfico do campo constitui apenas retrato metonímico e circunstancial de uma realidade social mais ampla e complexa, a ser explorada, uma vez que não é possível desvelar toda a trama de significados em apenas duas visitas. Não basta a simples imersão no cotidiano de outra cultura para chegar a compreendê-la: “a experiência cotidiana não é sistemática, e até que a cultura apareça retratada coerentemente no texto etnográfico, um longo caminho há que ser percorrido”. (CALDEIRA, 1988, p. 137). Na prática, preparar um programa de infoeducação quilombola em Cambury implica compreender o contexto das relações existentes no dia a dia das pessoas, ao longo de um percurso: a relação entre homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e idosos e a relação deles com a terra, como sagrado, com a cultura e com as diversas formas de organização e apropriação social de saberes. Esta tem sido a orientação principal desta busca para desvelar os significados desse microcosmo social.

DISCUSSÃO

O Programa de Infoeducação, ao contemplar o diálogo com a comunidade local não deixará em aberto as relações com o amplo universo de signos em circulação. Tal processo colocaria a apropriação cultural em risco, confinando os sujeitos à própria memória. Na aldeia global de informação, a internet configura-se como sistema geral de informações que contém todos os hipertextos existentes, mas nessa imbricada e ininterrupta rede de informações, as dificuldades no processo de busca se ampliam substancialmente em direção ao infinito. Exigiria, portanto, outros

saberes, múltiplas habilidades e atitudes diferenciadas para conferir sentido ao universo caótico da informação: “Trata-se antes de saber onde está a informação, como buscá-la, transformá-la em conhecimento específico para fazer aquilo que se quer fazer. Essa capacidade de aprender a aprender; essa capacidade de saber o que fazer com o que se aprende; essa capacidade é socialmente desigual e está ligada à origem social, à origem familiar, ao nível cultural, ao nível de educação. É aí que está, empiricamente falando, a divisória digital nesse momento”. (CASTELLS, 2003, p. 266).

Em meio à malha já constituída, integrada e ininterruptamente constituinte de informações, além de conhecimentos técnicos, há que se aliar a capacidade criativa de intervir como agente cultural e educador no universo comunicativo do conhecimento, pois nos novos tempos

informar-se e informar mudaram de natureza e de estatuto sociocultural. Já não são mais atos simples, aprendidos apenas informalmente no cotidiano. Antes, são atos cognitivos cada vez mais complexos, implicando saberes e fazeres que necessitam ser aprendidos de modo sistemático, orgânico e contínuo, como condição de participação afirmativa na vida cultural de nosso tempo. (PERROTTI, 2008, p. 7).

O universo abundante de informações, facilitado pelo maior acesso a instrumentos, ferramentas e tecnologias informacionais, não implica a apropriação automática de novos códigos e valores socioculturais. Novos modos de pensar e de agir na contemporaneidade requerem uma política pública infoeducacional,⁷ com novos processos de aprendizagem e de experimentação do saber. Carecemos, portanto, de uma nova pedagogia cultural e infoeducacional: um novo projeto de aprendizagem dialógico em que a experimentação do saber seja realmente vivida pelos sujeitos do conhecimento:

É preciso abandonar de vez a pedagogização do conhecimento, sua transformação em exercício, mera preparação para um futuro que escapa e que ninguém pode saber, felizmente, como será. A pedagogia deve retornar ao seu devido e importante lugar: meio e não fim. Conhecer e conhecer-se, constituir e constituir-se, significar o mundo e significar-se, eis o objeto maior da educação. Só uma pedagogia cultural é capaz de resgatar o conhecimento, livrá-lo da pedagogização medíocre e obtusa. Sem tal pedagogia, não há senão fragmentação, especialização, formalização inócua. E vazio. (PERROTTI, 2004, p. 8-28).

Não basta simplesmente ter acesso a novas tecnologias e/ou novos dispositivos técnico-informacionais; é preciso apropriar-se de seus significados, experimentando novas formas de conhecimento, menos “disciplinares” e paralisantes... E bem mais abertas ao diálogo intercultural.

⁷ As interrogações da *infoeducação* dirigem-se não apenas aos modos de fazer, aos procedimentos implicados nos processos de apropriação simbólica; dirigem-se, sobretudo, às dinâmicas implicadas na construção das significações, aos sentidos da ordem cultural. Nesse aspecto, coloca os sujeitos em situação de protagonistas, de analistas conscientes das artimanhas do conhecimento, lançando-os, nas dimensões superiores do metaconhecimento. (PERROTTI; PIERUCCINI, 2008, p. 89).

Nesta proposta de diálogo intercultural, entende-se que o aprendizado de novos saberes informacionais deveria incluir um programa de ações pedagógicas que valorizem a autonomia e o protagonismo dos sujeitos no processo social de produção de saber, de modo que sejam capazes de transformar, autonomamente, os produtos de sua criação em bens simbólicos.

Contudo, ainda faltam-lhes as condições que favoreçam a apropriação social do conhecimento e que ajudem, efetivamente, a transformar as informações de ordem sociológica, antropológica e científica em novos saberes; condições de aprender, produzir e construir novos significados, tornando mais interessante a aventura de conhecer o mundo.

CONCLUSÕES

O novo contexto da contemporaneidade, marcado pela crise de legitimidade e de pertinência, tem sido agravado pela velocidade das transformações e os fenômenos entrelaçados na escala malha reticular global e local vêm alterando a esfera do cotidiano, exigindo que a ciência especializada reformule seus conceitos a fim de dar conta de sua natureza e consequências.

Vivemos os paradoxos da sociedade pós-moderna, paralisada pelo excesso de informação, sem sentido. Por detrás dos aparatos tecnológicos que se impõem à vida coletiva, há processos de ocultamento, diferenciações sociais, hierarquias, relações e seleções arbitrárias. (ALMEIDA, 2009, p. 11). Uma sociedade globalizada que “no seu bojo transporta a miséria, a marginalização e a exclusão da grande maioria da população mundial”, (SANTOS, 2002, p. 53), e outros processos ocultos que se traduzem pelo esfumaçamento dos parâmetros de tempo e espaço: a negação aos direitos de existência, de permanência e preservação da memória, principalmente quanto às particularidades socioculturais das populações tradicionais: o respeito, a proteção e a promoção da diversidade de suas expressões culturais.

A falta de aptidão cognitiva é o maior obstáculo para que as pessoas possam apropriar-se de novos conhecimentos. O universo abundante de informações, facilitado pelo maior acesso a instrumentos, ferramentas e novas tecnologias informacionais, não implica a apropriação automática de novos códigos e valores socioculturais:

[...] nos novos tempos, informar-se e informar mudaram de natureza e de estatuto sociocultural. Já não são mais atos simples, aprendidos apenas informalmente no cotidiano. Antes, são atos cognitivos cada vez mais complexos, implicando saberes e fazeres que necessitam ser aprendidos de modo sistemático, orgânico e contínuo, como condição de participação afirmativa na vida cultural de nosso tempo. (PERROTTI, 2008, p. 7).

Carecemos de novas armas diante dos desafios da nova ordem intercultural globalizada. Talvez o desafio maiúsculo para a nossa sociedade seja: pensar, discutir e criar coletivamente uma nova pedagogia infoeducacional, fundada no diálogo e no respeito à diversidade de expressões culturais, capaz de fortalecer o protagonismo sociocultural dos sujeitos, para que sejam capazes de reinventar e projetar o próprio futuro, de modo autônomo, aprendendo a ser, a conhecer e a fazer.

Uma perspectiva de diálogo entre saberes e fazeres que pudesse ampliar horizontes da “esfera do ser”, educando-o para a diversidade cultural, ajudando a enfrentar os preconceitos de nosso tempo e preparando-o para novas formas de sociabilidade, incorporando a igualmente a diversidade no cotidiano de cada um. Sem a aprendizagem dos novos saberes informacionais, os remanescentes de quilombos de todo o país terão ainda maior dificuldades de dar um salto para o futuro: o veto cognitivo impede-as de integrar-se à cultura, assimilar, processar e produzir novos saberes na algaravia informacional da aldeia global:

Ensinar a buscar informação, a pesquisar, a desenvolver o espírito e a autonomia investigativos são aspectos centrais incluídos nos programas de educação para a informação. [...] Sem tais competências e atitudes o sujeito não consegue apropriar-se das informações necessárias à construção do conhecimento, nem desenvolver atitudes de interesse em conhecer, mesmo se exposto aos diferentes produtos culturais. [...] Sem estruturas socioculturais que lhe dê apoio, sem saber buscar informação, a maioria dos sujeitos perde-se nas tramas do conhecimento, sem condições de apropriar-se nem da memória, nem dos saberes de seu tempo. Está incapacitado, portanto, para inventar e projetar o futuro. (PIERUCCINI, 2004, p. 11).

Sem os saberes necessários para mover-se nesta maré, e sem integrá-los à prática vivencial cotidiano quilombola, fica igualmente comprometida a missão maiúscula de formar jovens pensadores críticos, propensos a tomar decisões mais inteligentes e socialmente responsáveis. Os profissionais da informação e/ou educadores poderiam atuar mais como mediadores culturais, não simplesmente ordenando a desordem, mas incitando a produção cooperativa e o intercâmbio para a criação de novos saberes.

Apostamos nesta alternativa. E, quiçá, a experiência local da criação de um Programa de Infoeducação Quilombola na Escolinha Jambeyro, no quilombo de Cambury (Ubatuba, SP) possa fortalecer o protagonismo cultural dessas pessoas que vivem em situação precária, oferecendo-lhes “razões para viver e ter esperanças... Meios de agir a fim de aumentar a beleza e a sabedoria no mundo... porque a cultura é como a natureza: ela vive pela respiração, pelos fluxos, pelos sopros, pelas fecundações e mestiçagens”, (MORIN, 2001, p. 460-80), numa perspectiva de *diálogo entre sujeitos e saberes*, para que possam reinventar o cotidiano e “ampliar a esfera do ser”.



O advento de uma nova cultura informacional exige atualização contínua de soluções para as necessidades dinâmicas da coletividade. Historicamente, com a expropriação sociocultural vigente no país desde a sua fundação, boa parcela da população se manteve marginalizada dos benefícios da educação, cultura, ciência etc. Nesse contingente, privadas de apropriar-se cognitivamente dos instrumentos de produção do conhecimento, encontram-se as comunidades tradicionais quilombolas que não se contentam em ocupar o lugar de “público-alvo” de certos programas e projetos sazonais (governo, Ongs, empresas. etc.), mas que desejam participar das decisões, como sujeitos de transformação. E, por isso, lutam por tal reconhecimento.

Neste processo, a participação cidadã, a apropriação e a partilha de conhecimentos entre os envolvidos, o respeito às culturas locais e aos saberes populares, se tornam mais do que elementos de um discurso. São valores, sem os quais não se pode assegurar compromisso com um projeto de mudança que gere desenvolvimento com inclusão, solidariedade, justiça social e sustentabilidade. Além de ferramenta para alcançar conquistas materiais, o conhecimento é também fonte de realização e felicidade para o ser humano. É quando este passa a se entender como matriz de ação inteligente... E construtor de soluções que podem melhorar sua condição de vida.

Para tanto, será preciso apostar na criação de dispositivos que superem o mero processo de assimilação de informações, a fim de reverter o quadro de apatia sociocultural no Brasil: um novo modo de pensar e agir, com formas de experimentação do saber que fomentem a iniciativa, a criatividade, a autonomia, a dúvida e a independência intelectual dos sujeitos para que sejam protagonistas de sua própria história...

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. A produção social do conhecimento na sociedade da informação. *Informação & Sociedade*. Estudos, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 11-18, 2009.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CALDEIRA, T. P. do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade. *Novos Estudos Cebrap*, 21, p. 133-157, 1988.
- CALLON, M. Por uma nova abordagem da ciência, da inovação e do mercado: o papel das redes sociotécnicas. In: PARENTE, A. (Org.) *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 64-79.
- CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, D. (Org.) *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- DAVIS, M. *Planet of Slums*. Relatório do Programa de Assentamentos das Nações Unidas. London: ONU, 2003.
- DESGAGNÉ, S. Le concept de recherche collaborative: l'idée d'un rapprochement entre chercheurs universitaires et praticiens enseignants, *Revue des sciences de l'éducation*, vol. 23, n. 2, p. 371-93, 1997.
- ERICKSON, F. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: WITTROCK, M. C. *La investigación de la enseñanza, II*. Barcelona; Buenos Aires; Mexico: Paidós, 1989.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LA CONFERENCIA GENERAL adopta la Convención sobre la Protección y Promoción de la Diversidad de las Expresiones Culturales. *Oficina de Información Pública*, Unesco Comunicado 128, 20 out. 2005.
- LE COADIC, Y. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- LE GOFF, J. (Coord.) *Memória e história*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. Enciclopédia Einaudi, 1.
- LUCHIARI, M. T. D. P. Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org.) *Turismo, modernidade, globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MANSANO, C. F. Do "Tempo dos antigos" ao "tempo de hoje": o caiçara de Cambury entre a terra e o mar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas. Campinas: Unicamp, 1998.
- MORIN, E. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar*. São Paulo: Garamond, 2000.
- MOURA, G. Educação quilombola. In: *Salto para o futuro*, vol. 10, p. 6-10, jun. 2007.
- PARENTE, A. (Org.) *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PERROTTI, E. A aventura de conhecer: entre a falta e o excesso de informações. *Salto para o futuro*, v. 28, n. 15, 3-8, set. 2008.
- _____; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M. L. L. de; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2008. p. 47-96.
- PIERUCCINI, I. *A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em educação*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, USP. São Paulo:, 2004.
- _____. A busca do conhecimento na escola: a pesquisa escolar e a construção do conhecimento. In: *Salto para o futuro*, v. 28, n. 15, p. 47, set. 2008.
- _____. Biblioteca escolar, pesquisa e construção do conhecimento. In: ROMÃO, L. M. S. *Sentidos da biblioteca escolar*. São Carlos: Alfabeta, 2008. p. 41-69.



PRICE, R. *First-Time: The Historical Vision of an Afro-American People*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1983.

SANTOS, B. de S. Os processos da globalização. In: *A globalização e as ciências humanas*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-102.

SANTOS, M. *Pensando o espaço do homem*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP: Memória*, v. 4, n. 1/2, 1993.

WITTROCK, M. C. *La investigación de la enseñanza, II*. Barcelona; Buenos Aires; Mexico: Paidós, 1989.

ABSTRACT

Ethnographic study in order to describe elements of the process of social appropriation of information in quilombolas cultures, from the cultural and device deployment and infoeducational in Jambreiro School (Residents Association of Cambury Quilombo, Ubatuba, SP), understood as essential to the use and production of new appropriation of knowledge and collective memory by the local community.

Keywords: Infoeducation. Cultural mediation. Quilombolas. Dialogic devices.